

REQUERIMENTO Nº 2016

(Do Sr. Odorico Monteiro)

Solicita a realização de Audiência Pública com a finalidade de debater a importância e a necessidade de regulamentação da Terapia Comunitária Integrativa.

Senhor Presidente,

Requeremos à Vossa Exa. nos termos do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (RICD), a realização de Audiência Pública com a finalidade de ouvir a representação dos trabalhadores da “Terapia Comunitários Integrativa”. A data e horário será acordado com Vossa Excelência, considerando a disponibilidade de data, além disso sugerimos como convidados os representantes abaixo relacionados.

- Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitário – MISMEC - CE;
- Associação Brasileira de Terapia Comunitária – ABRATECOM;
- Instituto de Pesquisa em Terapia Comunitária Integrativa e Ações Complementares – IPTECOM;
- Mesa de Negociação dos Trabalhadores do SUS.

JUSTIFICATIVA

O movimento que deu origem a Terapia Comunitária Integrativa (TCI), teve início em 1987, quando o psiquiatra e antropólogo, Adalberto Barreto chegou a Comunidade Quatro Varas-Pirambu, levado pelo seu irmão, o advogado Airton Barreto. Morando no Pirambu, as constantes violação dos direitos humanos, foram determinantes para fundar o Centro de Direitos Humanos do Pirambu - Amor e Justiça.

O advogado Airton Barreto encaminhava moradores da comunidade do Pirambu para serem atendidos no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Ceará (HCUFC), onde o Dr. Adalberto e seus alunos faziam atendimento. As demandas foram aumentando, razão pela qual o Dr. Adalberto decidiu ficar mais próximo da comunidade.

O primeiro encontro aconteceu há quase trinta anos. À sombra de um cajueiro, sentados no chão, em troncos de árvores ou cadeira ou em pé, os moradores do Pirambu, além do Dr. Adalberto e seus alunos, estiveram presentes. Estavam lá, “pessoas vítimas de conflitos e com sofrimento psíquico”, para um momento muito singular, que foi considerado como a primeira sessão. Na ocasião, o Professor Adalberto falou que “nós não viemos somente curar vocês, viemos também nos curar de nossa alienação universitária”.

“Eram cerca de 30 pessoas. Todas queriam um remédio para controlar insônias, depressão, tentativas de suicídio. Logo me dei conta de que não poderia ‘medicalizar’ problemas da existência, em que o sofrimento emerge com força. Tratava-se muito mais de pessoas que precisavam ser acolhidas, escutadas, apoiadas, do que doenças a serem tratadas”.

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é um instrumento que “permite construir redes sociais solidárias de promoção da vida e mobilizar os recursos e as competências dos indivíduos, das famílias e das comunidades”, além de proporcionar ao grupo um resgate da dimensão terapêutica, valorizando a herança cultural dos nossos antepassados indígenas, africanos, europeus e orientais, bem como o saber produzido pela experiência de vida de cada um, segundo Dr. Adalberto Barreto¹. Conceituação semelhante apresentou Marchetti e Fukui (2004). Já para Pedrini (2005), no artigo Cantar e Brincar para Transformar², TCI é uma forma de terapia que resgata a dignidade das pessoas, permite a elas terem a oportunidade de partilhar suas angústias, dar voz e vez àqueles que normalmente não possuem, de uma forma lúdica, séria, emocional e em profunda comunhão com o grupo que participa.

Sobre a metodologia de grupo sistematizada pelo Professor Adalberto Barreto, importante destacar que tomou como ponto de partida a prática e as referências teóricas: Pensamento Sistêmico, Pedagogia Paulo Freire, Teoria da Comunicação, Resiliência e Antropologia Cultural.

A ação da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) é central no acolhimento e na reflexão do sofrimento causado pelas situações estressantes, decorrentes da violência e exclusão social. Prima, ainda, pela criação de espaços de partilha destes sofrimentos, privilegia a troca de

¹ Professor Psiquiatra, doutor em antropologia da Universidade Federal do Ceará,

² Esse artigo relata a oficina apresentada no III Congresso Brasileiro de Terapia Comunitária, realizado 07 a 10 de setembro de 2010, na cidade de Fortaleza – Ce. Artigo publicado no site: <https://issuu.com/abratecomterapiacomunitaria/docs/cantar-e-brincar-para-transformar>.

experiências vividas.

Trata-se de um espaço onde cada um é doutor de seu próprio saber. Através das rodas de Terapia Comunitária Integrativa, procura-se prevenir, promover a saúde em espaços coletivos, e não combater a patologia individualmente, o que é da competência dos especialistas. Os fatores estressantes podem ser enfrentados com a força do grupo no devido tempo, antes que se transformem em patologias, o que seria muito mais complexo para tratamento adequado. Essas informações foram extraídas de consolidação de Selma Hinds.³

Ressalto que o trabalho com TCI visa estimular as pessoas a expressarem as emoções e os sentimentos sem risco de serem interpretadas, analisadas ou mesmo julgadas, de modo que os pacientes possam eliminar as tensões decorrentes do estresse, além de compartilhar experiências, o que é importante nas possíveis estratégias de superação dos sofrimentos do cotidiano. Tudo isso permite a comunidade encontrar, nela mesma, as soluções para os seus problemas (H. Petrini)⁴.

Vista como uma metodologia, a TCI

“vem sendo aplicada em vários países, em diversas áreas, como social, de saúde e de educação. Enquanto muitos modelos centram suas atenções na patologia, nas relações individuais, privadas, a Terapia Comunitária propõe cuidar da saúde comunitária em espaços públicos e valorizar a prevenção. Prevenir é, sobretudo, estimular o grupo a usar sua criatividade e construir seu presente e seu futuro a partir de seus próprios recursos. Quando a boca cala, o corpo fala. Quando a boca fala, o corpo sara”, diz Adalberto.

Registramos que em maio de 2015, houve uma Audiência Pública na Comissão de Seguridade Social e Família/Câmara dos Deputados, com o objeto de discutir a Terapia Comunitária Integrativa e as políticas públicas. O evento contou com a participação de Maria Henriqueta Camarotti⁵, Miriam Rivalta Barreto⁶ e Roberto Tykani⁷.

Durante os debates e as apresentações, pôde-se perceber a importância da terapia Comunitária Integrativa. A palestrante Maria Henriqueta Camarotti, em sua apresentação, reafirmou o objetivo da Terapia Comunitária Integrativa, que é construir redes sociais solidárias, mobilizar recursos das pessoas e comunidades com vistas a resolução de problemas, tais como: estresse,

³ Presidenta da Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM) nas gestões de 2009-2011, 2011-2013 e Vice-Presidente na gestão de 2013 – 2015.

⁴ Citado no texto “Terapia Comunitária Integrativa, por Adalberto Barreto, publicado no site <http://consciencia.net/adalberto-barreto-terapia-comunitaria-integrativa>, em 13 de maio de 2000.

⁵ Médica Neurologista e Mestre em Psicologia, Gestal-terapeuta com especialidade em grupo.

⁶ Psicóloga, Psicopedagoga e Mestra em Psicologia Social e da Personalidade.

⁷ Coordenador de Saúde Mental do Ministério da Saúde

violência, depressão e dependência química. Explicou que o trabalho é realizado em círculos e com regras bem definidas.

Sobre o trabalho de TCI no Brasil, pode-se constatar a existência de mais de 37.500 profissionais com formação em Terapia Comunitária Integrativa, atuando em 25 estados e no Distrito Federal. Estão articulados nacionalmente na Associação Brasileira de Terapia Comunitária – ABRATECOM, criada durante o II Congresso Brasileiro de Terapia Comunitária, em 1º de maio de 2004. Sua missão é a expansão da formação em TCI, congregando os Polos Formadores, instituições responsáveis pelas capacitações e o objetivo de fortalecer o desenvolvimento da Terapia Comunitária Integrativa, congregando pessoas e instituições, promovendo e criando redes. Ao longo de mais de uma década já reconheceu e credenciou 46 Polos formadores e de cuidado, localizados em cinco regiões⁸.

As informações são de cerca de 30.000 Terapeutas Comunitários capacitados pelos Polos Formadores, incluindo mais de 3.000 trabalhadores da saúde e lideranças comunitárias. Só os Polos do Distrito Federal já capacitaram aproximadamente mil terapeutas. Esses profissionais realizaram 22 mil rodas de terapia e atenderam cerca de 420 mil pessoas⁹.

A implantação da TCI, no âmbito da saúde Pública, se realizou por meio da Estratégia de Saúde da Família/Redes SUS/Ministério da Saúde em 2008/2009. Neste período foram assinados dois convênios entre a UFC e o Ministério da Saúde com o objetivo de capacitar as equipes de saúde da família que atuam no SUS. Um total de 2.034 profissionais. Sendo que em 2008, foram capacitados 1.054 Terapeutas Comunitários de 124 municípios das cinco regiões.

Para o coordenador de Saúde Mental do Ministério da Saúde, Roberto Tykanori, houve nas últimas duas décadas um crescimento no número de cadastramento de comportamentos considerados como “diferentes”, em uma abordagem estritamente biomédica. Ele aponta que, dessa forma, houve também aumento da medicalização. “Sendo desvio biológico, consequentemente precisa de remédio. Mas não existe um tipo correto, único, de comportamento, e sim variações. Além disso, temos uma cultura fundada em mitos e isso é fruto de sofrimentos”, explica Tykanori.

O presente requerimento atende a solicitação da Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM), do Movimento de Saúde Mental Comunitário (MISMEC), e do Instituto de Pesquisa em Terapia Comunitária Integrativa e Ações Complementares (IPTECOM),

⁸ <http://www.abratecom.org.br/QuemSomos/Abratecom>

⁹ Redação dada com base na matéria publicada no site: <http://cidadeadopovo.com.br/index.php/politica/2781-deputado-amauri-debate-como-a-terapia-comunitaria-pode-ajudar-em-politicas-publicas-para-saude-e-educacao>

para debater a situação desses profissionais e a regulamentação da profissão.

Isto posto, requeiro aos membros dessa Comissão de Seguridade Social e família, a aprovação do Requerimento.

Sala das Sessões, 2017

DEPUTADO ODORICO MONTEIRO

PROS/CE